



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
EXATAS CAMPUS VI – POETA PINTO DE MONTEIRO CURSO DE
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - ESPANHOL**

JOSÉ DIEGO SANTOS DA SILVA

**O CORPO E SUAS POSSÍVEIS RECONFIGURAÇÕES ERÓTICAS NO
ENCONTRO COM O OUTRO: DO VAZIO DO ABISMO À FLOR ORIUNDA DO
AMOR**

MONTEIRO – PB

2018

JOSÉ DIEGO SANTOS DA SILVA

**O CORPO E SUAS POSSÍVEIS RECONFIGURAÇÕES ERÓTICAS NO
ENCONTRO COM O OUTRO: DO VAZIO DO ABISMO À FLOR ORIUNDA DO
AMOR**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduado em Letras – Língua Espanhola.

Orientadora: Prof^a. DR^a Cristiane Agnes Stolet Correia.

MONTEIRO – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, José Diego Santos da.

O corpo e suas possíveis reconfigurações eróticas no encontro com o outro [manuscrito] : do vazio do abismo à flor oriunda do amor / Jose Diego Santos da Silva. - 2018.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia ,
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Literatura erótica. 2. Corpo e Erotismo. 3. Pablo Neruda.
I. Título

21. ed. CDD 801.959

JOSÉ DIEGO SANTOS DA SILVA

O CORPO E SUAS POSSÍVEIS RECONFIGURAÇÕES ERÓTICAS NO
ENCONTRO COM O OUTRO: DO VAZIO DO ABISMO À FLOR ORIUNDA
DO AMOR

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em
Letras – Língua Espanhola da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para a
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 07 de dezembro / 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Cristiane A. S. Correia

Profa. Dr.a Cristiane Agnes Stolet Correia

Orientadora

Allyson Raone Soares do Nascimento

Prof. Me. Allyson Raone Soares do Nascimento

Examinador

Rogério Rodrigues de Lima

Prof. Esp. Rogério Rodrigues de Lima

Examinador

AGRADECIMENTOS

Ao mestre Jesus por conceder-me a dádiva da reencarnação.

Aos meus guias de luz e meus orixás.

Aos meus pais (Irene e Zezinho), que nunca abriram mão de me doar conhecimento e me proporcionar essa benção e herança que é o saber.

A Dayane minha irmã que sempre me amou e incentivou a percorrer o caminho das letras.

Agradeço a Cristiane Agnes minha Professora, orientadora e amiga que não abriu mão de mim e sempre me disse: Você vai conseguir, mulher.

Ana Luzia de Souza, amiga-irmã que a vida me deu e que me impulsionou em todos os momentos.

Luiz Geovanes por seu amor a mim depositado e presente de Deus que o tenho como irmão amado.

Ivandro Batista de Queiroz por suas palavras e por ser um irmão.

Alysson Raone, irmão amigo que me estimulou e estimula sempre em meu caminhar acadêmico e que sempre me ajudou e ajuda.

Rogério Rodrigues, outra bênção que também tenho em consideração de irmão que desde sempre me deixou inteirada de tudo que sempre precisei saber na vida.

A Rafaelle Myrelle e a Lua (Luana Mayara), também irmãs de coração presentes de Deus.

A Ciara por ser amiga irmã confidente nessa vida tão sem paradoxo da transexualidade.

A Julia Alves amor meu (irmã) que sempre me doou amor e luz.

Isabely Santos Leal, além de prima e minha irmã e meu amor, te amo nessa e nas outras vidas.

À vida e ao ar que me faz sentir viva e que move meu ser.

[...] Eu me consideraria o mais ditoso dos mortais se pudesse fazer com que os homens se curassem de seus preconceitos. Chamo de preconceitos não o que nos faz ignorar certas coisas, mas o que nos leva à ignorância de nós mesmos.

(Charles-Louis de Secondat, Barão de Montesquieu).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DA REALIDADE ERÓTICA MAIS ABRANGENTE DE BATAILLE À DOÇURA DO CORPO ERÓTICO DE OCTAVIO PAZ	11
2.1 Atribuições eróticas do corpo nas concepções de Bataille	13
2.2 Octavio Paz e sua perspectiva poética: o corpo poético	17
2.3 O olhar íntimo do corpo erótico na poesia de Pablo Neruda	19
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

RESUMO

O corpo erótico nos remete ao homem enquanto ser social e, mais que isso, um ser racional e afetivo, característica esta que o difere dos demais animais. A possibilidade de o corpo ser visto, analisado e dimensionado em seu aspecto erótico/ poético é o eixo central dessa nossa pesquisa que teve o intuito da observação do mesmo, não como um objeto acabado e pronto de finitas questões, mas como algo que se desconstrói e que é e sempre foi possível de diversas configurações e sentimentos em todos os palcos em que o mesmo se encontra, e o mais fantástico disto é que o mesmo é erótico e pode se erotizar quando o queira fazer. Sendo visto dessa forma, o corpo se configura de uma maneira poética infinita, sublime, dando este suporte em que se reafirma, servindo de luz a vários poetas e pessoas ligadas ao estudo dessas visões, como o fez Pablo Neruda em seu Poema 1 (objeto de nosso estudo) de *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, que nos permitiu esse olhar que floresce em relação ao homem e a mulher em seus mais recônditos sentires. Para embasar a análise do poema de Neruda, tomamos como aporte teórico principalmente as contribuições do pensamento histórico-filosófico de Bataille (2004) e Octavio Paz (1993), que converge o amor erotismo como dupla chama. Também contribuíram para nossas reflexões Canton (2009), Cassandra (2008), fazendo-nos mergulhar nas questões poéticas inerentes ao poema, Siqueira (2014) e Galantin (2008), com valores e noções do corpo erótico em seus espaços. Buscamos percorrer assim os diversos encontros com o outro, seja este interno ou externo, a partir das relações eróticas que convidam ao abismo de ser.

Palavras – chave: Corpo. Erotismo. Amor.

RESUMEN

El cuerpo erótico nos remete al hombre como ser social y, más que eso, un ser racional y afectivo, característica ésta que lo diferencia de los demás animales. La posibilidad del cuerpo ser visto, analizado y dimensionado en su aspecto erótico/poético es el eje central de nuestra investigación que tuvo el propósito de la observación del mismo, no como objeto listo y acabado de finitas cuestiones, sino como algo que se desconstruye y que es y siempre ha sido posible de diversas configuraciones y sentimientos en todos los escenarios en que el mismo se encuentra, lo más fantástico de esto es que el mismo es erótico y puede erotizar cuando lo quiera hacer. Siendo visto de esa forma, el cuerpo se configura de una manera poética, infinita, sublime, dando este soporte en que se reafirma, sirviendo de luz a varios poetas y personas atentas al estudio de esas visiones, como hizo Pablo Neruda en su Poema 1 (objeto de nuestro estudio) de *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, que nos permitió esa mirada que florece, en relación al hombre y a la mujer en sus más recónditos sentires. Para basar el análisis del poema de Neruda, tomamos como aporte teórico principalmente las contribuciones del pensamiento histórico-filosófico de Bataille (2004) y Octavio Paz (1993), que converge el amor erotismo como doble llama. También contribuyeron para nuestras reflexiones Canton (2009), Cassandra (2008), haciéndonos adentrar cuestiones poéticas inherentes al poema, Siqueira (2014) y Galantin (2008), con valores y nociones del cuerpo erótico en sus espacios. Buscamos seguir así los diversos encuentros con el otro, sea éste interno o externo, a partir de las relaciones eróticas que convidan al abismo de ser.

Palabras – clave: Cuerpo. Erotismo. Amor.

1. INTRODUÇÃO

O fascínio pela observação do corpo vem desde os mais remotos tempos, até a atualidade. Tendo em vista que nunca foi tarefa tão singela e fácil a análise do mesmo, o homem, pela troca de experiências com os demais, passou a produzir diagnósticos e análises referentes ao que observava. Com o decorrer da história o corpo até então não observado em todo seu prisma de possibilidades e decodificações, começa a ser desmistificado em relação ao que se fala e ao que condiz referente ao tal, da atribuição ou não de valores referentes ao mesmo que exercia um papel bastante sutil e não mencionado nas sociedades. Durante muito tempo o corpo não exercia um papel que o possibilitasse uma estratégia empírica referente ao seu desempenho, tanto nas questões biológicas como patológicas e sexuais.

Ao passar dos tempos, inicia-se um processo de imersão em sua essência e em seus entornos, as visões referentes nesse sentido (do corpo ser erótico, sexual) começam a tomar formas e dimensões até então não vistas, as suas construções tanto no âmbito social quanto sexual, começam a fazer sentido de alguma forma, o que até então era um mundo fechado e bloqueado se abre ao novo, ao inexplorável. Nesse sentido, canalizam-se não só as possibilidades biológicas e extra sensoriais, mas também sutilezas corporais que até então não tinham sido mencionadas. Assim, possibilitou-se uma desconstrução de valores tradicionais arraigados.

Neste trabalho nos aportamos na teoria de Bataille (2004), sobre o corpo erótico e suas dimensões no sentido do mistério em que o indivíduo se conecta quando se faz erótico, na instauração do pensar que se abre nesse momento e nesse contexto. Este corpo que em muitas culturas ainda não se deixa mostrar (se guarda e se vela), mas que em outras culturas se mostra de modo mais natural. Vale destacar ainda que em nossa cultura o corpo feminino não se mostra como o corpo do homem. Na cultura ocidental cristã herdada há uma nítida separação entre homem e mulher, e o corpo permanece como o lugar do pecado que deve resguardar-se para o casamento dentro dos moldes estipulados. Não abordaremos aqui historicamente as diversas culturas no tocante ao tratamento que dão ao corpo humano, pois não seria possível essa tarefa em um âmbito contextual de um artigo,

mas tomamos as afirmações do corpo como um ponto de partida para fazê-lo ser visto, entendido e reconfigurado pelo erotismo.

Assim, Bataille (2004) e Paz (1993), especialmente, apontam novos caminhos a partir de suas conjecturas. Buscaremos seguir alguns de seus rastros para logarmos uma aproximação mais íntima com as questões sentidas e expressadas por Neruda em seu Poema 1.

No que se refere à organização de nosso artigo, primeiro apresentaremos algumas constatações de Bataille (2004) que consideramos pertinentes às nossas reflexões, como o erotismo dos corpos, dos corações e do sagrado, além da noção do gozo como morte do eu. Em seguida, trataremos muito brevemente a relação estabelecida por Paz (1993) entre poesia e erotismo, do poema como espaço do corpo erótico. Daí focamos nosso olhar no poema selecionado de Neruda, com o objetivo de observar a presença ou não dos elementos teóricos apresentados e desdobrar algumas possíveis leituras em direção à compreensão do amor como uma rosa, completa, com seu perfume, suas pétalas e espinhos.

2. DA REALIDADE ERÓTICA MAIS ABRANGENTE DE BATAILLE À DOÇURA DO CORPO ERÓTICO DE OCTAVIO PAZ

No decorrer da história da humanidade, o corpo e o erotismo sempre estiveram juntos como face de mesma moeda. Entretanto, nem sempre esta relação corpo-erotismo foi devidamente reconhecida/ vivida, devido a vários fatores de cunho cultural. No que se diz respeito a essa possibilidade (do corpo erotizar-se), o ser humano se distancia dos demais animais nesse sentido, como falaremos ao longo desse trabalho, pois é uma capacidade inata do ser humano, que por si só desenvolveu técnicas e subsídios para melhor viver e adequar-se ao meio em que se encontra, agregar valores e sensações que até então sentia e não mencionava ou colocava em questão.

Para Bataille (2004), o sexo, as funções sexuais, a troca de energias contidas não é um ato erótico necessariamente. O erótico nada mais é que uma representação desse olhar primeiro, do sentir em sua essência a priori, no mais inicial do corpo e da mente, perfazendo um caminho mais a fundo do seu EU, no

campo das ideias, no intocável, imperceptível aos olhos nus, no campo do coração e do desejo.

Iremos observar mais adiante esta relação em um poema de Pablo Neruda, esse sentir transcendental que o autor nos propõe no âmbito das ideias e do que a nossa sensibilidade nos permite mostrar, em uma perspectiva não tão fixa e seca (em uma visão fechada), mas em respeito ao que o corpo e a mente nos brinda durante toda a nossa vida. Esse erótico nos permite ir além de nós mesmos quebrando todos os tabus que nos foram impostos pelas sociedades ao longo da história, que nos deixaram reprimidos e muitas vezes aquém de tudo e de todos, sem que esse nosso corpo-mente mostrasse essa sua linguagem. Resgatar o erótico em nossas relações é redescobrir a liberdade almejada pelos corpos, como analisaremos melhor mais adiante.

Paz (1993, p.9) nos diz que: “La realidad sensible siempre ha sido para mí una fuente de sorpresas”. É nesse contexto que a mágica acontece de fato. O mundo dentro de nós que até então não se pronunciava, começa a se mostrar, permitindo a si mesmo a delicadeza do despir de tudo que lhe foi imposto, regras, valores, tendências etc. Abrindo as portas para a sensibilidade, erotizando a cada toque, a cada respirar, a cada arrepio de uma nova etapa de sua vida, nesse jardim de flores únicas que é um corpo que se erotiza que vai além de si mesmo, ofereceu-se no intuito de reconhecer-se enquanto corpo e vida que pulsa em si. Esse contexto nos possibilita esse olhar sobre o corpo e sua possibilidade de fazer-se erótico em todos os sentidos e maneiras, corpo que se posiciona e que interage em sua conexão, seja inteiramente unitária ou composta de outrem.

Ressaltamos assim o início do erótico no âmbito das ideias para daí fazer-se sensível. Tendo como base para nosso trabalho principalmente Bataille (2004) e Paz (1993), buscamos revigorar o erótico nos corpos. Em um primeiro momento nos aproximaremos de questões pertinentes ao tema a partir das obras *O erotismo* e *La llama doble: amor erotismo*, dos autores mencionados, respectivamente. Em seguida, observaremos tais questões no corpo poético (*Poema I* de Pablo Neruda), na intenção de ampliar e aprofundar a noção e a experiência do erótico, reconhecendo o amor, a paixão, o espiritual e todas as suas possibilidades que emergem diante dos nossos olhos do mundo erótico e do corpo.

2.1 Atribuições eróticas do corpo nas concepções de Bataille

Observando o ser humano em suas totalidades em um conjunto de percepções e interação consigo próprio e com outro, vemos que o indivíduo é produtor de algumas experiências que só ele mesmo poderia falar ou fazer, dimensionar, explicar, deduzir, enfim, diferente dos outros animais, que não poderiam sequer relatar tais fatos que ocorreram com os mesmos ou que veriam ocorrer.

É importante ver que a possibilidade do exercício sexual é recurso de todos os animais, racionais e irracionais, é uma questão inerente aos próprios no que se diz respeito ao corpo e suas possibilidades, da menor excitação a maior, o homem como animal racional diferencia-se dos outros no que se fala ao fazer da questão sexual uma atividade erótica para o seu bel-prazer. De acordo com Bataille (2004, p.19):

(...) a atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, o que diferencia o erotismo e a atividade sexual simples como uma pesquisa psicológica independente, do fim natural que ocorre na reprodução com a prole (...).

Considerando tais observações, a atividade sexual para a reprodução é uma qualidade natural dos sexuados, e o corpo possibilita essa condição orgânica e física da reprodução em si, e o mesmo está em uma condição inerente ao sexo e em suas possibilidades infinitas, que podem ser bloqueadas ou fluídicas, dependendo do indivíduo que o faz. Tendo em consideração que falar e reconhecer o corpo como possível de erotizar-se não é tarefa fácil e simples, falamos de uma perfeita máquina que se instaura em um âmbito bastante complexo e instigante, de sentires e olhares bastante amplos. Bataille (2004) ressalva essas observações no que se diz respeito ao corpo, enquanto multiplicidade de universo possível ao erótico, ao íntimo. Bataille nos instiga a pensar, desde o conceito mesmo de erótico até como se dá este sentir, o que se reflete em todos os aspectos, no conjunto do todo. Segundo o autor,

Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter um interesse para os outros, mas ele é o único diretamente interessado. Ele nasce só. Ele morre só. Entre um ser e um outro há um abismo, uma descontinuidade (BATAILLE, 2004, p.21).

O autor nesse momento nos faz refletir no imenso e no desconhecido. Somos distintos dos demais no que diz respeito a tudo, costumes, jeitos e pretensões (desejos sexuais, alimentares...), sentidos estes que estão imersos dentro de nós, perfazendo um mundo à parte, distinto, individual, particular; não podendo o outro indivíduo interagir nesse íntimo, nessa essência, por haver uma espécie de abismo, de descontinuidade no meio. É instigante o fato de observar o corpo e o seu entorno, porque nos conduz ao que é pouco conhecido e mencionado. Estamos convidados à observação do novo, desse abismo que nos cerca, que pode se refletir em nossas ações, em nossos prazeres e sentidos.

O beijo, o toque, a excitação são peculiaridades que o sentir nos permite, e encontramos em algumas ocasiões bem distintas e ímpares. Buscamos no outro a particularidade de nos continuar, seja na interação dos corpos (sexo, a cópula propriamente dita), ou seja no estar junto, no admirar, enfim, em todas as situações possíveis. Para Galantin (2008, p.10).

O erotismo dos corpos é o mais “visível” de todos, cabendo destacar que não existe escala de gradação valorativa alguma entre essas formas de erotismo. Ele tem seu ápice na fusão dos corpos durante o ato sexual, onde temos, no mínimo, dois seres que se fundem num momento de dissolução dos limites corporais que os definiram. Neste momento, acabam desagregados enquanto seres, experimentando um estado igual de dissolução: a continuidade com a destruição da estrutura do ser fechado.

Quando falamos do erótico e suas particularidades, quase nada podemos definir, é um campo inimaginável que é pouco definido em seus entornos, suas percepções são as mais possíveis e impossíveis. No que se diz respeito a essa troca de energia, essa combinação é feita antes, durante e depois do ato sexual. As percepções se concretizam em uma continuidade progressiva, ou seja, após essa desvinculação de energias envolvidas o ser volta a ser descontínuo, o ser já não faz parte do outrem, (o abismo começa a fazer parte de si), nesse momento volta a ser só, em sua percepção, em seu silêncio interior.

Antes parte, agora volta a ser só, consigo mesmo. Desagregado de sua combinação que até então se conectava e, tendo experimentado a morte de si (gozo), nas mais detalhadas linhas do sentir, “seu” eu (particular) encontra-se consigo mesmo, depois de um contínuo rompimento que fez com a situação íntima. O obscuro (abismo, já mencionado anteriormente), que até então não se observava, agora se faz presente, sufocante. Nesse olhar, a morte provocada pelo gozo entra em um contexto de desconstrução do indivíduo na medida em que o mesmo perde sua individualidade, no instante em que o ato acontece, nesse frenesi (convulsões, movimentos involuntários que o corpo proporciona), e que faz o indivíduo perder o centramento de suas ideias e de suas ações, nessa “violência” que se apresenta ao corpo. Neste momento, existe uma perturbação erótica, uma inquietude que é direcionada aos estímulos corporais que se instauram em seu ser, o corpo abrange uma área de imensas possibilidades nas quais se observa essa perturbação desconstruída, essa morte de si, esse gozo, depois esse relaxamento desse corpo perfazendo um momento único.

Bataille (2004) já percebe a relação da especificidade deste momento, em que há uma espécie de morte e renascimento, com o atuar da própria poesia. Ele nos diz que “A poesia nos leva ao mesmo ponto que cada forma de erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos. Ela nos leva à morte, à continuidade: a poesia é a eternidade” (2004, p. 40). O corpo que se faz erótico e que se permite à entrega experimenta a sensação do eterno. Assim como a experiência poética. Deste modo, o erótico e o poético se irmanam pela força da linguagem em toda sua dimensão física e metafísica. Para entender melhor esta conexão, as 3 vias eróticas apresentadas por Bataille (2004) são de grande valia. O autor concebe o erotismo em três vias de fato: o erotismo dos corpos, dos corações e do sagrado.

O erotismo dos corpos nos acompanha inevitavelmente em nossa vida, no sentido que o corpo se mostra de uma forma erótica, ou que possa erotizar-se em alguns momentos de nossas vivências. Em alguns momentos aparece uma construção única de seu próprio eu, já em outros momentos o indivíduo se expressa de si para o outro, no sentido de continuidade. O corpo é sem dúvidas ferramenta de possibilidades em todos os aspectos de seu ser. Desde a questão orgânica, na qual o mesmo desde sempre foi observado, instruído (campo das ciências e suas práticas), até os sentidos que pode assumir na arte (como na dança, no teatro, na pintura, na literatura etc). O corpo possibilita as mais inimagináveis conexões de um

ponto a outro, tornando-se um objeto de transgressão infinito que a cada momento recria-se, saindo do âmbito do pronto e acabado, emergindo-se em todas as propriedades, dinâmicas e significativas. Para Siqueira, “O corpo guarda segredos e, em momento oportuno revela o poder de suas possibilidades sem compromisso com teorias ou considerações” (2014, p.14). O mesmo por si só se dinamiza, recria-se, reinventa-se em mil e outros formatos, como um personagem no teatro que pode confrontar-se consigo mesmo em um monólogo com seu eu mais profundo, ou criando um personagem até então nunca pensado, em um desafio de profunda magnitude, revelando mistérios ou guardando outros mais dentro de si.

No que diz respeito ao erotismo dos corações, o sentir, já não é tão carnal, palpável, direciona-se, no campo das sensações, a um contexto mais libertário se assim podemos mencionar. Bataille (2004, p.32) afirma que:

O erotismo dos corações é mais livre. Se ele aparentemente se separa da materialidade do erotismo dos corpos, ele dela procede na medida em que é apenas um de seus aspectos estabilizado pela afeição recíproca dos amantes. Ele pode separar inteiramente do erotismo do corpo, mas, então, trata-se de exceções de maneira a conservar a grande diversidade dos seres humanos.

Neste sentido, os corpos encontram-se mais livres em um contexto amplo de sentir, de falar, de uma forma mais aberta, de uma maneira mais simpática de se reconhecerem. Uma maneira de direcionar o sentido ou de sentir-se, não tão conectado, junto; um do outro, mostrando que sua ligação é mais intuitiva. Nesse contexto, encontramos alguns sentires bem familiares, como por exemplo: o amor platônico e as paixões. No erotismo dos corações encontramos essas peculiaridades se assim podemos dizer: as loucuras do amor, angústias da alma, as problemáticas do desejo e do que ele pode ou não influir ou deixar-se acontecer, é o tentar entender o outro, de uma forma mais impalpável, no campo do imaterial, buscando encontrar uma linha tênue, entre o corpo e o coração e ao mesmo tempo questionar-se entre o que não foi dito, mas sim, sentido.

Já no que diz respeito ao erotismo do sagrado, nos traz um olhar mais longínquo de todos os outros dois mencionados anteriormente, no que se diz das experiências que possibilitam o ser humano a identificar-se, ou reconhecer-se, em meio ao mundo e o que está em seu entorno, através do sacrifício de outros seres

buscando um sentido, uma forma de continuidade; tentando definir paralelos de sensibilidade do amor ao corpo e a morte na mesma situação.

Para Bataille, o erotismo sagrado é “a fusão dos seres com um além da realidade imediata” (2004, p.30). Portanto, uma conexão de dois seres interagindo em uma determinada situação, a fim de que possa fazer um direcionamento a algo muito além do que está ao seu redor neste momento. O corpo é em sua essência sagrado e os estágios em que ele se define e se faz nesse contexto de análise e de observação não estão desassociados (erotismo do corpo, coração e sagrado), mas sim juntos, um completando o outro, agregamento de valores em sua totalidade.

Mas não iremos adentrar a fundo essas questões no sentido de descrevê-las ou defini-las com muito mais ênfase, buscaremos associá-las ao fazer poético e senti-las a partir da tessitura poética propriamente dita. Para tanto, cabe dirigir agora nosso olhar à sensibilidade instaurada e manifestada por Octavio Paz.

2.2 Octavio Paz e sua perspectiva poética: o corpo poético

A sociedade em que estamos imersos nos possibilita um palco de sensações e desejos, no sentido em que somos personagens da vida e do que ela pode nos oferecer, seja no âmbito individual ou coletivo, e em todos os campos. Paz (1993, p.9) nos diz que:

La poesía nos hace tocar lo impalpable y escuchar la marea del silencio cubriendo un paisaje devastado por el insomnio. El testimonio poético nos revela otro mundo dentro de este mundo, el mundo otro que este mundo. Los sentidos, sin perder sus poderes, se convierten en servidores de la imaginación y nos hacen oír lo inaudito y ver lo imperceptible.

É nesse contexto que observamos essa nova ideia do sentir, falo de um sentir mais amplo, um olhar mais fluídico na abertura do novo mundo diante dos nossos olhos ou dos quais se permitem abrir ao novo, ao que lhe é proposto. Estamos em um mundo fechado só nosso, e caminhamos em busca do que nos faz transcender indo a uma nova esfera de pensamento, seja no âmbito do profissional, do desejo, do despir-se, enfim, ao que se deseja ou que se tem ideia, saindo da ideia fixa ou estagnada, para além do nosso pensar ou do nosso espiritual. E no momento em que nos deparamos com as poesias, os poemas, textos, com a literatura em si, nos

é posto um momento único, uma possibilidade sem igual, que nos desvela realidades das quais não nos apercebíamos.

Paz (1993, p.10) ainda nos elucida sobre o erotismo e a poesia:

Los sentidos son y no son de este mundo. Por ellos, la poesía traza un puente entre el ver y el creer. Por ese puente la imaginación cobra cuerpo y los cuerpos se vuelven imágenes, la relación entre cuerpo y poesía es tal que puede decirse, sin afectación, que el primero es una poética corporal y la segunda es una erótica verbal.

Sem dúvidas o corpo é um leque que se abre em todos os aspectos da vida e pra vida, no que se diz respeito a esse instrumento de valor inimaginável, que pode se transformar seja ele em qual período for de nossas vidas, essa transformação pode ser lenta ou contínua ou parar em determinado momento, ou então progredir em uma escala assertiva e progressiva, vai depender do indivíduo que o faz, tendo essa possibilidade de se deixar ser rio corrente. Essa situação do corpo nada mais é que uma abertura ao que se deseja no campo da ideia e do que ela pode proporcionar nesse sentido. O pensamento, a ideia o desejo faz com que o que antes pairava no campo da imaginação venha a se fazer, concretizar no corpo. Sabemos que por si só o corpo é erótico e objeto de desejo, querendo ou não ele tem sua linguagem própria e distinta, de si para si ou para o outro que o observa.

Nesse dedilhar de movimentos corporais de sedução, o corpo faz seu papel em relação ao erotismo, propicia um canal de conjecturas pertinentes ao meio em que está imerso, aflora suas essências e sentidos. Siqueira (2014, p.14) nos diz que “O corpo guarda segredos e, em momento oportuno revela o poder das suas possibilidades sem compromisso com teoria ou considerações”. Portanto, sabemos que em algum momento esse corpo vai falar e erotizar nos seus mais íntimos sentires e desejos, expressando uma gama de valores até então postos em questão, corpo que se deixa ver, se deixa sentir, tocar, analisar, aplica em si mesmo uma dose de amor para si próprio, porque vai se autodescobrindo em toda sua extensão de maneira mais densa, mais bela, mais ousada de seu sentir interior. É a partir destas considerações que lançamos - nos no Poema 1, de Pablo Neruda.

2.3 O olhar íntimo do corpo erótico na poesia de Pablo Neruda

Chileno, prêmio Nobel da literatura, Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto nasceu a 12 do mês de julho de 1904, em Parral, na região de Maule no Chile. Órfão de mãe logo ao nascer, não se deixou abater por nada, e uma das provas disso é que com apenas 13 anos já escreveu um artigo, intitulado: “**Entusiasmo y Perseverancia**” em um jornal local de Temuco. A situação para Neruda nunca foi fácil tendo em vista que não podia mostrar-se diante de seus feitos ou a sua inclinação no campo literário, por causa de seu pai que não lhe agradara ter um filho que fosse ligado ao campo das letras e seus entornos. Com tudo isso lhe ocorrendo, as pressões psicológicas do seu pai e da sociedade vigente lhe impedindo de seguir a frente com seus estudos e seus escritos, assumiu o pseudônimo de Pablo Neruda.

O menino que até então se sentia sozinho por falta de sua mãe e da necessidade de aproximação com o pai entra em um mundo só seu e da literatura, viu em seus poemas uma saída pra suas solidões buscando um direcionamento pessoal em meio às pessoas e os textos que lhe foram apresentados. Daí também sua participação ativa em todas as manifestações literárias de seu tempo e sua grande atuação como escritor. Pablo Neruda vem a óbito na cidade de Santiago, capital do Chile, no dia 23 de setembro de 1973, nos deixando um rico legado e um imenso acervo literário.

Influenciado pelo modernismo escreveu sua obra mais tocante e fabulosa, a qual veremos logo mais, com o desejo e o sentimento de amor inerente ao seu ser, juntamente com a visão do surrealismo que se aportou no devido momento.

Dentre suas obras uma das mais conhecidas é: **Veinte poemas de amor y una canción desesperada**. Obra lançada em 1924, depois de ter ganhado um prêmio da festa da primavera. Vamos à observação do Poema 1 desta coletânea, que é o objeto de nossa análise:

Cuerpo de mujer, blancas colinas, muslos blancos,
te pareces al mundo en tu actitud de entrega.
Mi cuerpo de labriego salvaje te socava
y hace saltar el hijo del fondo de la tierra.

Fui solo como un túnel. De mí huían los pájaros
y en mí la noche entraba su invasión poderosa.

Para sobrevivirme te forjé como un arma,
como una flecha en mi arco, como una piedra en mi honda.

Pero cae la hora de la venganza, y te amo.
Cuerpo de piel, de musgo, de leche ávida y firme.
Ah los vasos del pecho! Ah los ojos de ausencia!
Ah las rosas del púbis! Ah tu voz lenta y triste!
Cuerpo de mujer mía, persistiré en tu gracia.
Mi sed, mi ansia sin límite, mi camino indeciso!
Oscuros cauces donde la sed eterna sigue,
y la fatiga sigue, y el dolor infinito.

A admiração do corpo em sua exaltação é sem dúvidas uma das maiores máximas que encontramos nesse primeiro olhar em relação ao poema de Neruda. Neste momento ele faz menção a esse seu ser admirado, esse corpo feminino que se mostra em sua total entrega no sentido que se direciona de uma forma sem tabus ou correntes, mas que em algum momento esse corpo feminino também empodera-se e se refaz. Corpo esse que se faz abrigo e aconchego, e que o mesmo faz-se abrir em sua entrega de uma forma selvagem, que se cruza, que se faz contínuo em sua devoção. No que se diz respeito a esse sentir, Paz (1993, p.33) diz “El amor traspassa al cuerpo deseado y busca al alma en el cuerpo y en el alma, al cuerpo”.

Na primeira estrofe, Neruda nos direciona a fazer esse olhar a esse corpo, em cada detalhe do mesmo, ele observa-o em sua totalidade com uma doçura remetendo a pureza na alma, ele mergulhado em diversos sentimentos, tenta se posicionar em meio ao que vê, mas não sabe ao certo como administrar essa gama de sentimentos envolvidos. Em um olhar físico (corpo) e sexual, nesse encontro desses dois seres homem/ mulher, ele nos mostra uma satisfação física e espiritual, num emaranhado de ideias e de delicadezas postas, faz essa ponte entre o corpo e o sagrado. Bataille (2004, p.36) nos diz que: “O sagrado é justamente a continuidade do ser revelado aos que fixam sua atenção, em um rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo”.

O homem em sua real faceta em meio ao mundo tenta entender a tudo que está imerso e com isso se depara com as inquietudes da alma, do corpo e do sexo. Perfaz-se um caminho muitas vezes melancólico e triste, uma solidão que não se define, mas se sente.

Da perda de amar às levezas do corpo, o imenso que se mistura com a vida perfazendo um caminho de incalculável valor. O sentimento penetra de uma

forma leve, porém avassaladora, o corpo descontínuo une-se ao outro perfazendo um só, de maneira bastante limpa e forte. No que se diz respeito à beleza de tudo o que se é posto e observado, o ser assemelha-se como a flecha que necessita do seu arco para sua majestosa função, o amante vive em prol do outro no campo do amor e das ideias, na mágica do sentimento que se observa nesse contexto, ao menos neste momento do encontro erótico entre homem e mulher. Nesse contexto do poema em que se fala homem/mulher, o feminino mostra-se em delicadeza em seus traços corporais e em todo seu entorno, já no que diz respeito ao homem presente neste poema remete-se à força, à virilidade, como pode ser observado nos quatro primeiros versos.

Na segunda estrofe, o autor nos brinda com algo muito misterioso e profundo em relação ao seu ser, uma espécie de “túnel” que nos remete à solidão. Esse sentir solitário, em que se encontra quando olha para si o faz imerso em um universo de sentimentos, de reflexões, sobretudo em sua volta, de um ser contínuo possuidor de suas potencialidades, mas que se vê sem cor, em uma particularidade, em uma situação mágica e que se torna algo desnorteante. Canton (2009, p.53), em seu poema nos diz que: “A pele é o poro do pulso, o túnel do toque, a casa dos órgãos, o abrigo dos sentidos. É o lar da língua. A pele é o útero da alma”. O encontrar-se sem o toque, desamparado, afogado em seus pensamentos e tristezas faz com que o eu-lírico se sinta um fantoche de si mesmo, uma junção do homem com a mulher em uma situação de dependência afetiva muito clara e perceptível. Paz (1993, p.43) afirma que “Todos los hombres padecen una carencia: sus días, están contados, son mortales”. Com isto damos conta da real necessidade que este indivíduo desenvolveu em seu eu mais íntimo em relação a outra pessoa.

Notamos também a questão da morte que se instaura na relação. Mesmo em seu momento de ápice de prazer, o gozo, que nada mais é que uma pequena morte, esta que envolve todos os sentidos. Nesse movimento de perturbação de seu corpo íntimo, o eu se perde e depois se refaz em sua graça renascendo pleno e absoluto de Amor. Este movimento é o que vai ganhando força no poema analisado. Do erotismo dos corpos se vai passando ao erotismo dos corações, conforme a descrição de Bataille (2004) que apresentamos anteriormente.

Na terceira estrofe o indivíduo se rende a tudo que sente em relação à outra pessoa. Neruda observa o corpo em sua totalidade. De todas as delicadezas ele se rende, e nisso fala: **te amo**. É um te amo doloroso que sai da alma e que flui do mais

íntimo de seu espírito. O amor tem dessas coisas, de falar em momento oportuno ou não, de se deixar levar pela emoção em sua entrega total, nu (despido) de tudo e de todas as amarras que poderiam lhe prender. Ah! Corpo que se mostra erótico com seus montes expostos, com seu púbis aberto em delicadas pétalas de rosas, de toques intensos ávidos, de beleza e de amor. Nessa troca única do erótico e do amor. Paz (1993, p.49) declara: “Erotismo y poesía: el primero es una metáfora de la sexualidad, la segunda una erotización del lenguaje”. Os seios, as coxas, o púbis nada mais são que elementos eróticos que estão em sua exaltação nesse poema. Neruda ressalta isto com muita propriedade em todo o poema, mais precisamente nesse momento do texto isso é bem observado, essas contribuições do amor intrínseco ao erótico fundido em um só.

Cuerpo de mujer mía, persistiré en tu gracia.
Mi sed, mi ansia sin límite, mi camino indeciso!
Oscuros cauces donde la sed eterna sigue,
y la fatiga sigue, y el dolor infinito.

Nos últimos versos o autor nos mostra, como em todo o poema, esse querer do indivíduo em relação ao outro, uma sensação cortante e absoluta, é um querer com sentimentos de posse, como logo no início de sua fala o mesmo diz: “Cuerpo de mujer mia” e depois vai afirmando esse sentimento com os mesmos pronomes adjetivos que indicam posse, (mi sed, mi ansia, mi camino), perfazendo uma necessidade sem fim em tentativa de ter o outro em todos os sentidos. Sentidos estes que vão ao coração, à alma e do corpo ao erótico, caminho de complexidade mas que se falam entre si e que não existem sem o outro. Este poema é rico em detalhes que exploram o sexual, o corpo e todas os seus entornos que o perfazem, trazendo condições humanas que não são mencionadas muitas vezes no decorrer da vida cotidiana mas sentidas em toda sua totalidade.

Cassandra (2008, p.50) diz que “O amor não cabe no cotidiano, e sim na lágrima, na gotícula, no abismo (...) O amor não cabe em si”. Ele é o outro, o próximo, aquele que mora do lado de dentro, mas que rompe as barreiras do limite corporal. A delicadeza do corpo é sutil e muito ligada ao que dimensionamos, mas implica sempre sensibilidade que se dá no âmbito do interno, do invisível ou transbordante de modo muitas vezes tímido, seja em lágrima, em suor ou em algum outro líquido que a pele permita vir à luz.

Do pertencer ao ser que se é pertencido. Neruda nos mostra de maneira tão delicada esse corpo de mulher que se é mencionado. O desejo aflorado de seu eu-lírico, mais intenso e doado, essa ânsia de amar, de pertencer ao outro de forma visceral e intuitiva, esse rio que corre e não se para, essas águas que não cessam, o mar de sua ausência, de sua dor em total fúria, esse sentimento que precisa de acalanto e amor.

Ainda exausto de sua doação, clama por pertencer a esse ser que o faz feliz, fala dessa busca em meio ao que sente a partir da contemplação. De seu instinto mais puro, que não acaba, como uma sede de se ter sempre. Necessidade corporal e espiritual, como uma criança que precisa de sua mãe em sua totalidade, como um anjo precisa do demônio para se manter (guerra e paz, fome e sede), como esse corpo que se faz erótico, que se insinua ao tempo, ao vento, ao seu amado. Das delicadezas e peculiaridades se mostra, como a língua e a linguagem que perfazem todo o contexto mais amplo e preciso do ser, como a morte e a vida se fundem e se separam. É nesta dimensão que nos aproximamos do viés sagrado do erótico, corpo e coração se fundem no mistério do sagrado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse olhar ao corpo pelo viés erótico nos possibilitou um aparato novo de ideias e sensações que até então não nos fora proporcionado em algum momento de nossas vidas. O corpo então se forma poema e nesse caminhar pelo universo sutil e delicado das possíveis sensações eróticas, nos brinda de toda sorte de sensações que se pode falar e sentir. Bataille nos fez percorrer um caminho de muito saber e de codificação no que se diz respeito à visão do corpo enquanto objeto pertencente à sociedade, esta que a todo momento lhe impõe subsídios de melhoramento ou não em relação ao corpo em sua construção filosófica e pessoal.

Além desses posicionamentos, entramos em um caminho de grande importância com as atribuições de Paz, referente ao que se fala do corpo e de suas particularidades no âmbito do sentir, esse sentimento de abertura de olhares, essa inquietude do mesmo, em querer um posicionamento delicado ao outro que se deixa sentir, o que foi reforçado pela própria compreensão do autor da poesia atrelada ao erótico. As possibilidades do corpo são infinitas e perfazem uma linguagem muito sucinta em alguns aspectos, e em outros momentos flui como rio que pertence a algo maior que si. Experiências visíveis que nos trazem uma forma de olhar o corpo de uma maneira mais amorosa e delicada, com a linguagem perfazendo um trilhar novo e que agrega valores de infinitas dimensões e nos mostra que tudo pode se transformar, encontrar um novo sentido, um olhar mais inteiro do que se sente.

Nesse labirinto de sentimentos eróticos e corporais encontramos Neruda e suas implicações sobre o espírito, a alma, o amor e o erótico. Ele, nesse jardim de flores raras e de um perfume sem igual, transforma a mulher, ser tão delicado e ímpar, em semente que germina em suas estrofes e que se faz crescer nesse contexto, suas pétalas abrem-se em meio a seu púbis, este que em certo momento é tocado e visto, de um panorama diferente, pétalas que exalam linguagem no rio vermelho que flui em seu mais recôndito ser. A figura masculina, símbolo da vitalidade e de poder, se faz contínuo ao outro no sentido de junção de sensações e sentimentos propícios da unidade desses corpos. A solidão do corpo do homem encontra-se no beiral do precipício que avista a flor mágica (mulher) e se faz, nessa mistura de efusões, indivíduos eróticos a fim de se conectarem em múltiplas energias, geram desse sublime momento o mais poderoso dos sentimentos que se pode um dia mencionar: O Amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymon. *As etapas do pensamento sociológico*. Editora Martin Claret; pág. 3. São Paulo 2008.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Claudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Coleção Temas da arte contemporânea).

CASSANDRA, Fidélia. *Plumagem*. Campina Grande: EDUFG, 2008. (**Literatura brasileira, Poesias brasileiras**).

FOUCAULT, Michel. **História de la sexualidad, La voluntad de saber. Sigloveinteuno** editores, S:A de C.V. Cerro del agua 248 Delegacioncoyacan.Mexico

GALANTIN, Daniel Erginelli. **Considerações sobre o “Erotismo”**, de Georges Bataille: **Um pensador do paradoxo da transgressão**.

NERUDA, Pablo. *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*. Santiago de Chile: Editorial Nascimento, 1924.

PAZ, Octavio. **La llama doble: Amor Erotismo**. Barcelona, Editorial SixBarral, 1993.

SIQUEIRA, Andreia de Lima. **O Erotismo do corpo nas performances de Berna Reale**. Universidade Federal de Roraima. Centro de comunicação, Letras e Artes. Curso de Artes visuais-Licenciatura. Boa Vista, 2014.